



*Que é o homem? É esta a primeira e principal pergunta da filosofia. Como respondê-la? A definição pode ser encontrada no próprio homem, isto é, em cada homem singular. Mas ela é exata? Em cada homem singular, pode-se encontrar o que é cada "homem singular". Mas não nos interessa o que é cada homem singular, problema que significa, ademais, o que é cada homem singular em cada momento singular. Se observarmos bem, veremos que – ao colocarmos a pergunta "o que é o homem" – queremos dizer: o que é que o homem pode se tornar, isto é, se o homem pode controlar seu próprio destino, e se ele pode "se fazer", se ele pode criar sua própria vida. Digamos, portanto, que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos(...).*

Gramsci





# A População Negra e os Direitos Humanos

Marcos Antonio Cardoso

(...)

## Os Meios de Comunicação

Os meios de comunicação como a televisão, o rádio, os jornais, as revistas e os livros (de ficção e didáticos) desenvolvem a tarefa de legitimar, de tornar "natural e aceitável" a **violência racial** contra o povo negro. Neles a questão racial é conduzida de forma a negar a pluriracialidade do país com o objetivo de consolidar o eurocentrismo como fundamento da nacionalidade brasileira.

Utilizam de forma magistral as informações relativas ao conflito racial com finalidade comercial, exaltando aquelas que ultrajam a imagem dos negros (as) e ignorando outras que poderiam exaltá-lo. É através da permanente veiculação de informações tendenciosas que se consegue manipular e desorientar, fazendo prevalecer uma consciência favorável ao projeto racista. A cumplicidade dos meios de comunicação na configuração de um Brasil branco é determinada pela necessidade de uma opinião pública concordante para a sua legitimação.

O projeto racista se manifesta através de um violento processo de desenraizamento cultural, do sentido de povo enquanto coletividade, que funciona como mecanismo gerador de uma consciência negativa dos homens e mulheres negros em relação a si próprio e ao seu semelhante racial. Esse mecanismo atua como ele-

mento desagregador, extirpando a possibilidade de construção de soluções coletivas e promovendo o individualismo que perpetua o status quo.

Os programas infantis da televisão, por exemplo, transmitem, de forma incontestável, mensagens ligadas à supremacia racial branca, mantendo uma violenta obrigatoriedade da estética branca, impondo uma ascendência nórdica ao povo brasileiro e penetra no subconsciente da criança negra, com seus efeitos devastadores sobre a personalidade em formação. Desse modo, a criança é forçada a desvincular-se de sua identidade racial e cultural.

Os meios de comunicação mais que a escola sustentam o racismo e a ideologia do branqueamento, vinculando imagens estereotipadas dos negros e negras, sempre ligadas à prostituição, às drogas e à criminalidade.

Os negros e negras são colocados como vulgares aprendizes de malandro sem sucesso, facilmente dominados pela eficiência de uma polícia branca, superior.

Os meios de comunicação, especialmente o rádio e a televisão, através de determinados programas de grande audiência no meio popular, baseiam suas atividades na construção de uma imagem ridícula de negros e negras, onde noticiários defendem e apóiam a ação exterminadora da polícia, fundamentando-se no suposto potencial do negro para o crime.



Enfim, encarregam-se de assegurar o apoio da sociedade aos grupos de extermínio, bem como de estimulá-la a “fazer justiça com as próprias mãos”, por meio de linchamentos.

### Mulher negra

A múltipla discriminação da mulher negra está no centro de uma articulação perversa, que combina racismo e sexismo, para garantir a sua inferiorização social. A violência racial contra a mulher negra não se manifesta apenas nas condições de quase escravidão das trabalhadoras domésticas ou no uso sexual do seu corpo. Estes são os aspectos mais aparentes e, embora graves, não deve encobrir a existência de condições de exploração de mais longo alcance, postas a serviço de um projeto racista, ou seja, de genocídio físico e cultural do povo negro brasileiro.

Entre tantos aspectos que envolve a opressão da mulher, destaca-se a violência racial que coloca a mulher negra na mira dos programas de controle da natalidade, pela via da esterilização sumária e da experimentação de drogas anticoncepcionais. A sociedade que louva a maternidade como realização máxima da mulher, cria mecanismos para restringir o direito à maternidade da mulher negra. Isto ocorre porque a sociedade é estimulada a querer-se branca e é levada a considerar que a miséria é fruto da incapacidade dos grupos que nela vivem.

O tamanho da população de um país é, freqüentemente, fruto de políticas governamentais que tanto podem agir no sentido de sua expansão como de redução, a depender, inclusive, dos interesses ligados a acumulação econômica. Assim, a esterilização sumária e

massiva, como única solução para as mulheres negras que não podem sustentar seus filhos, é gratuitamente oferecida em todos os cantos do Brasil. Esta prática caracteriza um lento processo de extermínio da população negra brasileira, que já vem decrescendo por efeito da miscigenação, das altas taxas de mortalidade infantil, das mortes provocadas pelos métodos rudimentares de aborto nas situações de gravidez indesejada e o extermínio sumário de crianças e adolescentes. Neste sentido, os direitos reprodutivos das mulheres negras são fundamentalmente direitos humanos.

**Marcos Antonio Cardoso** - filósofo e mestrando em História pela USMG. Coordena o Núcleo de Referência da Cultura Negra da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte.





## Eu, etiqueta

Em minha calça está grudado um nome  
Que não é meu de batismo ou de cartório  
Um nome ...estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
Que jamais pus na boca, nessa vida,  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
Que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produtos  
Que nunca experimentei  
Mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
De alguma coisa não provada  
Por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
Minha gravata e cinto e escova e pente,  
Meu copo, minha xícara,  
Minha toalha de banho e sabonete,  
Meu isso, meu aquilo.  
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,  
Letras falantes,  
Gritos visuais,  
Ordens de uso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, premência,  
Indispensabilidade,  
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
Escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.  
É duro andar na moda, ainda que a moda  
Seja negar minha identidade,  
Trocá-la por mil, açambarcando  
Todas as marcas registradas,  
Todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
Eu que antes era e me sabia  
Tão diverso dos outros, tão mim mesmo,  
Ser pensante sentinte e solitário  
Com outros seres diversos e conscientes

De sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio  
Ora vulgar ora bizarro.

Em língua nacional ou em qualquer língua  
(Qualquer, principalmente.)  
E nisto me comprazo, tiro glória  
De minha anulação.  
Não sou – vê lá – anúncio contratado.  
Eu é que mimosamente pago  
Para anunciar, para vender  
Em bares festas praias pérgulas piscinas,  
E bem à vista exhibo esta etiqueta  
Global no corpo que desiste  
De ser veste e sandália de uma essência  
Tão viva, independente,  
Que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora  
Meu gosto e capacidade de escolher,  
Minhas idiosincrasias tão pessoais,  
Tão minhas que no rosto se espelhavam  
E cada gesto, cada olhar,  
Cada vinco de roupa  
Sou gravado de forma universal,  
Saio da estamperia, não de casa,  
Da vitrine me tiram, recolocam,  
Objeto pulsante mas objeto  
Que se oferece como signo de outros  
Objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
De ser não eu, mas artigo industrial,  
Peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é Coisa.  
Eu sou a Coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade,  
in: *Jornal do Brasil*, 16-01-1982,  
Rio de Janeiro, Caderno B.



## Cabanagem



Uma das maiores revoltas populares da história brasileira contrasta com outros movimentos revolucionários, como a Inconfidência Mineira ou Revolução Farroupilha, liderados por setores da elite. Seus participantes, na maioria, eram mestiços, mulatos, índios e, principalmente, tapuios, isto é, índios "desaldeados". Iniciou-se no Pará, em 1832, e só foi abafada 6 anos depois.

Inicialmente, a cabanagem foi uma rebelião contra o Diretório Pombalino, que frustrou o compromisso de emancipação da população amazônica.

A revolta começou em Belém, mas,

dois anos depois, já tomava conta do Lugar da Barra (Manaus), exigindo a criação da província do Rio Negro, independente do Pará. A resistência cabana foi baseada em guerrilhas. Os últimos cabanos só se renderam em agosto de 1840, depois da mais sangrenta repressão já registrada no país. Dos 50 mil índios Mura existentes em 1826, os quais tiveram destacada participação no movimento, restavam poucos milhares em 1847, dispersos.

Texto extraído da **Revista UNB**,  
Ano I - nº 2, pg.31, 2001



Mural:

# O Movimento Muralista Mexicano



# O declínio da comida regional

Maria Figueira

Alimentos industrializados, gorduras e refrigerantes estão ocupando o lugar de alimentos regionais na mesa do brasileiro, mudança que traz à população graves conseqüências, tais como deficiência de cálcio e ferro. Essa é a conclusão da pesquisa coordenada pela nutricionista Maria Antônia Galeazzi, do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Alimentação (Nepa) da Universidade de Campinas (Unicamp). Realizado entre 1996 e 1997, em Campinas, Curitiba, Goiânia, Ouro Preto e Rio de Janeiro, em 1998 em Belém e Brasília e, no ano 2000, em Cuiabá, o estudo serviu de base à elaboração de sugestões de cestas básicas para a região Norte e Centro-sul na tentativa de suprir as deficiências nutricionais detectadas na população.

"Conseguimos uma amostragem significativa do perfil da alimentação no Brasil", afirma Galeazzi. Durante a pesquisa foram visitados cerca de 8 mil domicílios – aproximadamente 30 mil pessoas – para quantificar os alimentos consumidos pelas famílias e que podem causar desequilíbrio a longo prazo. Também foi avaliado se os indivíduos ingeriam a quantidade recomendada de calorias, proteínas, cálcio, fósforo, ferro, vitaminas A, B1 e B2.

"Observamos que o consumo nos grandes centros está refletindo o atual modelo de desenvolvimento econômico. As novas tecnologias e a globalização impõem o ritmo das refeições rápidas e contribuem para a homogeneização do que é consumido em diferentes locais do país", explica a nutricionista.

No Centro-sul, apenas 4% dos alimentos consumidos são característicos da região, enquanto que no Norte, a porcentagem chega a



18%. "Assim como o pescado, a farinha de mandioca, rica em carboidrato, é muito consumida no Norte, mas não no Sul", constata Galeazzi. "As mudanças no consumo também acontecem ao norte do país, mas não há como negar que no centro-sul elas são mais rápidas". Segundo a coordenadora, o consumo de açaí em Belém exemplifica a importância da alimentação regional. A fruta, rica em ferro, faz parte da dieta na cidade e responde por 40% a 50% da necessidade diária do mineral para todas as classes sociais. "Enquanto no sul a anemia é extremamente acentuada pela falta de alimentos enriquecidos com ferro, em Belém a incidência é menor e decorre principalmente de problemas de saneamento básico. Se não fos



se o açaí, os índices seriam ainda maiores", afirma Galeazzi. Dados da pesquisa mostram que 20% dos homens e 71% das mulheres de Goiânia não consomem a quantidade diária recomendada de ferro. No Rio de Janeiro, o consumo mineral é inferior ao indicado para 44% das mulheres e 11% dos homens.

Porém Galeazzi ressalta que nem sempre o consumo de alimentos regionais significa uma dieta saudável. Em Goiânia, gorduras, banhas e carnes são alimentos mais presentes na dieta das famílias devido à concentração da pecuária na região; e, em Ouro Preto, é elevado o consumo de açúcar, em consequência da tradição local de produção de doces caseiros. "Não há como dizer que esses costumes são bons para a saúde", comenta ela. O Objetivo da pesquisa desenvolvida por Galeazzi foi verificar o consumo de alimentos típicos da região e não de pratos regionais. Até porque, segundo a nutricionista, outros estudos mostram que comidas consideradas típicas de uma determinada região, como o vatapá na Bahia, e o pato no tucupí, na região Norte, não constam no cardápio diário da população. "São refeições de fim de semana", diz.

Baseada no fornecimento de calorias, proteínas, ferro, cálcio e vitamina A dos alimentos mais consumidos nas diferentes faixas de renda, a população propôs cestas básicas de alimentos para a cidade de Belém e também para o centro-sul. "A cesta básica existente hoje é limitada a alimentos não-perecíveis, que são selecionados de forma errada e não correspondem ao que é realmente consumido pelas famílias. Optamos pelos alimentos presentes na dieta familiar e que proporcionam cobertura de todos os nutrientes", esclarece Galeazzi.

Além dos alimentos comuns dos municípios estudados, fazem parte da cesta básica de Belém itens regionais como açaí, maços de

verdura e de tempero, farinha de mandioca, charque, peixe fresco, miúdos de frango e camarão salgado. "Eles são representativos não apenas do ponto de vista cultural mas também em relação a sua contribuição para o fornecimento de energia e nutrientes", afirma Galeazzi.

A cesta básica para o centro-sul é composta por alimentos como massa de tomate, pão de forma, lingüiça e carne suína – produtos inexistentes na cesta de Belém. "Selecionamos os produtos da cesta para suprir as deficiências apontadas nesta região a respeito de micronutrientes como cálcio, ferro e vitamina B2, diz Galeazzi.

As modificações no cardápio do brasileiro atingem até mesmo o tradicional arroz com feijão, fonte de proteínas e fibras. A pesquisa mostra que houve uma queda de cerca de 25% no consumo de arroz e diminuição média de 28% no de feijão em relação a 1974, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou o Estudo Nacional sobre Despesa Familiar (Endef), considerado a melhor fonte de dados sobre consumo alimentar da população brasileira. Por outro lado, é crescente o consumo de alimentos industrializados. O de refrigerante em Campinas, por exemplo, aumentou 527% em relação a







1974. "O refrigerante faz parte de uma alimentação muito rica em carboidratos simples e pouca densidade nutricional – o que está diretamente relacionado a ganho de peso e epidemia de obesidade -", diz também a nutricionista Semíramis Domene, que participou do estudo.

A mudança na dieta dos brasileiros reflete-se no consumo de micro e macronutrientes. Os resultados do estudo mostram, por exemplo, que o consumo de cálcio presentes em alimentos como os derivados do leite e nas folhas verdes, é absurdamente baixo. Em Curitiba, 55% das pessoas têm consumo inadequado de cálcio, e no

Rio de Janeiro, a porcentagem chega a 66%. "O recomendado é de 800 a 1000 miligramas por dia para adultos", diz Domene. "A situação é preocupante porque a população brasileira está envelhecendo e já sofre com a osteoporose", completa. Entre as vitaminas, a carência é maior em relação à vitamina A – sintetizada no organismo a partir de carotenóides, substância encontrada nos vegetais alaranjados ou amarelos. Em Goiânia, só as famílias com renda superior a 1,1 salário-mínimo *per capita* consome a quantidade diária recomendada de nutrientes: 1.300 miligramas. Em Campinas, são neces-

sários 10 salários mínimos, enquanto que em Ouro Preto, aproximadamente três.

"O estudo que desenvolvemos mostra uma situação preocupante, em que há um decréscimo do consumo de cálcio e adota-se uma dieta cada vez mais rica em gordura", diz Domene. "Estudos e pesquisas americanas mostram que transformações no consumo como a que verificamos no Brasil, têm ocasionado problemas de deficiência de cálcio em jovens – fato que pode levar à osteoporose precoce. Ao mesmo tempo, a quantidade de crianças e adolescentes obesos tem aumentado com a alimentação inadequada, o que contribui para a incidência prematura de doenças cardiovasculares", completa Galeazzi. A pesquisa propôs cestas básicas da região Norte e do centro-sul com a intenção de modificar o cenário atual. "Mas para isso é preciso que haja uma política agrícola e de abastecimento que dê acesso aos produtos da cesta básica", conclui Galeazzi.

Texto publicado na revista  
*Ciência Hoje*, Vol.29, março de 2001,  
p.56-57.





# Pecado

Carlos Bahr y Pontier Y Francini

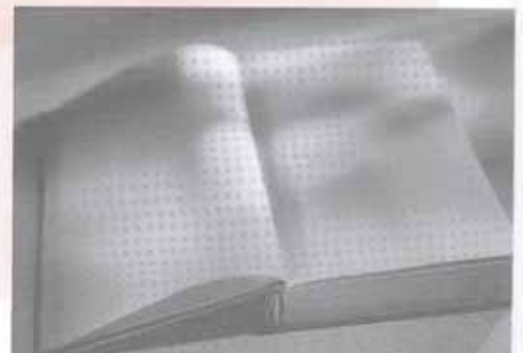
Yo no sé si es prohibido  
Si no tiene perdón  
Si me lleva al abismo  
Solo sé que es amor

Yo no sé si este amor es pecado que tiene castigo  
Si es faltar a las leyes honradas  
Del hombre y de Dios

Solo sé que me aturde la vida  
Como un torbellino  
Que me arrastra, me arrastra  
A tus brazos en ciega pasión

Es más fuerte que yo  
Que mi vida, mi credo y mi sino  
Es más fuerte que todo el respeto  
Y el temor de Dios

Aunque sea pecado  
Te quiero, te quiero lo mismo  
Y aunque todo me niegue el derecho  
Me aferro a este amor.





## Povos Indígenas



**POVOS INDÍGENAS** - Calcula-se que, em 1500, quando os portugueses aportaram pela primeira vez no sul da Bahia, existiam no território que hoje conforma o Brasil, entre 2 e 5 milhões de indígenas. Eles falavam, talvez, cerca de mil línguas diferentes. Hoje, estima-se uma população indígena de 510 mil pessoas, a maioria (58%) vivendo na região amazônica, divididos em cerca de 230 povos.

**LÍNGUAS** – Segundo levantamento do professor Aryon Rodrigues, do Departamento de Lin-

güística da UnB, o número de línguas indígenas faladas atualmente na Amazônia soma cerca de 240. Elas fazem parte de três grandes famílias lingüísticas (Aruak, Karib e Tupi-Guarani) e outras 49 famílias menores. A quantidade é aproximada devido a fatores variáveis, como a definição dos limites da Amazônia segundo critérios diferentes, a distinção entre línguas e dialetos, as notícias sobre línguas recém-descobertas e até a possível existência de falantes de determinada língua.

Texto extraído da revista UMB  
Ano 1 - Nº 2 2001 - pág 29



# Alfonsina y el mar

F. Luna y A. Ramirez

Por la blanda arena que lame el mar,  
su pequeña huella no vuelve más,  
un sendero solo de pena y silencio llegó  
hasta el agua profunda.

Un sendero solo de penas mudas llegó  
hasta la espuma.

Sabe Dios que angustia te acompañó  
que dolores viejos calló tu voz,  
para recostarse arrullada en el fondo de las caracolas marinas.  
La canción que canta en el fondo oscuro del mar,  
la caracola.

Te vas Alfonsina con tu soledad.  
Qué poemas nuevos fuiste a buscar?  
Una voz antigua de viento y de sal,  
te requiebra el alma y la está llevando  
Y te vas hacia allá como en sueños,  
dormida, Alfonsina, vestida del mar.

Cinco sirenitas te llevarán  
por caminos de algas y de coral  
y fosforescentes caballos marinos harán  
una ronda a tu lado;  
y los habitantes del agua van a jugar  
pronto a tu lado.

Bájame la lámpara un poco más,  
déjame que duerma nodriza en paz.  
Y se llama él no le diga que estoy,  
dile que Alfonsina no vuelve.  
Y se llama él no le diga nunca que estoy  
Dí que me he ido.





## Que é o homem?

Que é o homem? É esta a primeira e principal pergunta da filosofia. Como respondê-la? A definição pode ser encontrada no próprio homem, isto é, em cada homem singular. Mas ela é exata? Em cada homem singular, pode-se encontrar o que é cada "homem singular". Mas não nos interessa o que é cada homem singular, problema que significa, ademais, o que é cada homem singular em cada momento singular. Se observarmos bem, veremos que – ao colocarmos a pergunta "o que é o homem" – queremos dizer: o que é que o homem pode se tornar, isto é, se o homem pode controlar seu próprio destino, e se ele pode "se fazer", se ele pode criar sua própria vida. Digamos, portanto, que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos. Observando ainda melhor, a própria pergunta "o que é o homem" não é uma pergunta "objetiva". Ela nasce do fato de termos refletido sobre nós mesmos e sobre os outros; e de queremos saber, de acordo como que vimos e refletimos, aquilo que somos, aquilo que podemos ser, se realmente-

e dentro de que limites- somos "criadores de nós mesmos", da nossa vida, do nosso destino. E nós queremos saber isto "hoje", nas condições de hoje, da vida "de hoje", e não de uma vida qualquer e de um homem qualquer. (...)

(...) A afirmação de que a "natureza humana" é o "conjunto

das relações sociais" é a resposta mais satisfatória porque inclui a idéia do devenir: o homem "devém", transforma-se continuamente com as transformações das relações sociais; e, também, porque nega o "homem em geral": de fato, as relações sociais são expressas por diversos grupos de homens que se pressupõem uns aos outros, cuja unidade é dialética e não formal. O homem é aristocrático enquanto é servo da gleba, etc. Também é possível dizer que a natureza do homem é a "história" (e no sentido, entendida a história como igual ao espírito, de que a natureza do homem é o espírito), contanto que se dê à história o significado de devenir, em uma concordância discors que não parte da unidade, mas que tem em si as razões de uma unidade possível. Por isso, "a natureza humana" não pode ser encontrada em nenhum homem particular, mas em toda a história do gênero humano (e o fato de que se adote a palavra "gênero", de caráter naturalista, tem o seu significado), enquanto em cada indivíduo se encontram características postas em relevo pela contradição com as de outros homens. (...)

(...) A questão é sempre a mesma: o que é o homem? o que é a natureza humana? Se se define o homem como indivíduo, psicológica ou especulativamente, estes problemas do progresso e do devenir são insolúveis ou puramente verbais. Se se concebe ao homem como o conjunto das relações sociais, entretanto, revela-se que toda comparação no tempo entre homens é impossível, já que se trata de coisas diversas, se não mesmo heterogêneas. Por outro lado, dado que o homem é também o conjunto das





suas condições de vida, pode-se medir quantitativamente a diferença entre o passado e o presente, já que é possível medir a proporção na qual o homem domina a natureza e o acaso. A possibilidade não é a realidade, mas é, também ela, uma realidade: que o homem possa ou não possa fazer determinada coisa, isto tem importância na valorização daquilo que realmente se faz. Possibilidade quer dizer "liberdade". A medida da liberdade entra na definição de homem. Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome, é algo importante, ao que parece. Mas a existência das condições objetivas - ou possibilidade, ou liberdade - ainda não é suficiente: é necessário "conhecê-las" e saber utilizá-las. Querer utilizá-las. O homem, neste sentido, é vontade concreta: isto é, aplicação efetiva do querer abstrato ou do impulso vital aos meios concretos que realizam esta vontade. Cria-se a própria personalidade: 1) dando uma direção determinada e concreta ("racional") ao próprio impulso vital ou vontade; 2) identificando os meios que tornam esta vontade concreta e determinada, e não arbitrária; 3) contribuindo para modificar o conjunto das condições concretas que realizam esta vontade, na medida de suas próprias forças e da maneira mais frutífera. O homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa-objetivos ou materiais- com os quais o indivíduo está em relação ativa. Transformar o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo. É uma ilusão e um erro, supor que o "melhoramento" ético seja puramente individual. (...)

(...) Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos

sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico do conformismo e do homem-massa do qual fazemos parte? Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas, e instituições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar, também, a toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um "conhece-te a ti mesmo" como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário. (...)

**Gramsci, A.,**  
Concepção Dialética da  
História. pp12, 38, 43, 47

